



## Praças públicas em Feira de Santana: espaços de socialização e resistência

### Public squares in Feira de Santana: spaces for socialization and resistance

*Leidiane Evangelista Alves Carneiro* – Mestre em Planejamento Territorial pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: leidyanealvescarneiro@gmail.com

*Janio Santos* – Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Professor Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: janiosantos@yahoo.com.br

---

#### Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir as praças públicas de Feira de Santana, contextualizar como elas surgiram desde a formação dessa cidade até as novas transformações urbanas e demonstrar que as praças consistem em espaços de convivência que resistem através do uso. Utilizou-se como metodologia pesquisas bibliográficas e documentais, com os dados fornecidos pelo Arquivo Público Municipal, o Projeto Memorial de Feira de Santana, acervo fotográfico da Prefeitura Municipal, observações diretas e entrevistas semiestruturadas. As praças de Feira de Santana passaram por mudanças, a fim de atender as atuais configurações da cidade, sendo reflexos do processo de urbanização. Apesar dos estigmas, elas resistem, pois para muitos moradores de Feira de Santana elas são opções de uso, espaço de socialização, de lutas e expressões culturais.

#### Abstract

This article aims to discuss the public squares of Feira de Santana, contextualize how they emerged from the formation of this city to the new urban transformations and demonstrate that the squares consist of spaces for coexistence that resist through use. The methodology used was: bibliographical and documental research, with data made available by the Municipal Public Archive, Feira de Santana Memorial Project, photographic collection of the City Hall; and systematic observations. The squares of Feira de Santana were modified over time, in order to meet the current configurations of the city, reflecting the urbanization process. Despite the stigmas, they resist, because for many residents of Feira de Santana they are options for use, a space for socialization, struggles and cultural expressions.

---

#### Palavras-chave

Feira de Santana. Praças públicas. Resistência. Socialização.

---

#### Keywords

Feira de Santana. Public squares. Resistance. Socialization.

## INTRODUÇÃO

As praças são espaços de uso coletivo, multifuncionais, abertos, onde a população pode frequentar e se relacionar com outras pessoas, o que lhes proporcionam convivência, recreação e relação social. Correspondem a espaços que deveriam ser do uso de todos, presentes nos centros e nas periferias urbanas, delimitados pelo poder público, onde estão inseridos equipamentos coletivos que os caracterizam. Em alguns casos, deveriam transmitir tranquilidade e sensação de bem-estar, o que nem sempre ocorre.

Em algumas dessas praças, revela-se apenas a preocupação, por parte dos governantes municipais, em construir ou reformar as estruturas físicas; portanto, a forma é mais relevante, sem atribuir ação efetiva, como manutenção contínua e investimento público, com o intuito de trazer a sensação de segurança que favoreça o uso e à apropriação pela população que reside no entorno e/ou cidade. Isso, para que se tenham praças voltadas ao encontro, conversa, namoro, atividades físicas, como aulas públicas; enfim, para exercer o direito ao ócio, descanso do trabalho ou de atividades domésticas, favorecer o relaxamento. Além disso, como expressões de ideias, manifestações ou trabalho, a partir do momento que as utilizem também para comercialização de produtos, por exemplo.

Em Feira de Santana, as praças demonstram certo descaso, sobretudo pelo poder público, porque, exceto em casos pontuais, com a promoção de melhorias na estrutura física, não há dinamização através de ações comunitárias para promover convívio social, realização de eventos culturais que favoreçam o maior aproveitamento e circulação de pessoas, e que estimule o uso da comunidade.

É importante para o planejamento da cidade estudar as praças públicas, pois isso contribui para pensar a espacialização e organização da infraestrutura urbana, visto que elas estão interligadas a outros espaços, sejam comerciais ou residenciais, e os caracterizam e referenciam. Por isso, a relevância de construir, valorizar e pensar tais espaços, baseados na função social que exercem no contexto urbano.

Por esses argumentos, desenvolveu-se este texto, que tem como objetivo discutir as praças públicas de Feira de Santana, contextualizar como elas surgiram desde a formação dessa cidade até as novas transformações urbanas e demonstrar que as praças consistem em espaços de convivência que resistem através do uso. O artigo tem uma abordagem qualitativa e trata-se de um estudo de recorte, que proporcionou compreender a história de Feira de Santana e o surgimento de suas praças diante das novas configurações da cidade.

Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre as bases conceituais que norteiam o trabalho, tais como praças e espaços públicos, e feitos levantamentos documentais no Arquivo Público e no acervo fotográfico do Projeto Memorial de Feira de Santana, mantido pela Prefeitura Municipal, com o intuito de conhecer as praças da cidade. Também foram realizadas observações direitas para registrar a dinâmica local em relação à utilização e a infraestrutura dos espaços físicos e aplicadas entrevistas semiestruturadas a moradores e transeuntes, selecionados por grupos de idades, e pessoas com limitações físicas<sup>1</sup>.

O artigo está dividido em três seções: inicialmente, faz-se uma análise histórica e conceitual das praças públicas e, posteriormente, aborda as de Feira de Santana, suas histórias e modificações. Por fim, demonstra-se que, apesar das transformações ao longo do tempo, as praças dessa cidade resistem, pois parte da população as utiliza para manifestar sua arte, como espaços de trabalho, comercialização de produtos e de socialização.

## 1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DAS PRAÇAS PÚBLICAS

Os espaços públicos são abertos para a população interagir com o ambiente natural e constituídos a fim de proporcionar possibilidades de usos e práticas sociais. Nesses espaços ocorrem as relações sociais que contribuem para promover o surgimento de múltiplas representações oriundas do passado, que, na maioria, repercutem no presente, o que ocasionam novas configurações urbanas, assim como ressignificações das mesmas.

O espaço público contemporaneamente passa por redefinições em suas espacialidades, decorrentes das relações socioespaciais presentes (AZEVEDO, 2013). Ao analisar as características desses espaços é relevante compreender não somente as modificações inerentes a eles, mas as relações sociais, pois é face as interações que o espaço ganha forma, usos e funções nas cidades; isto é, as dinâmicas socioespaciais contribuem para sua caracterização.

Bauman (2009, p. 34) afirma que “É nos locais públicos que a vida urbana e tudo aquilo que a distingue das outras formas de convivência humana atingem sua mais completa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos”; os espaços públicos permitem sentimentos e expressões a depender da forma como nos percebemos neles.

<sup>1</sup> Os respondentes estão identificados segundo a praça e a sequência numérica da entrevista: Praça do Cruzeiroinho (PC), Praça Santa Mônica (PSM) e Praça Petronílio Pinto Cunha (PPC).

Os espaços públicos demonstram simbologias, representações, características às vezes históricas, relações de poder, intencionalidades ao construir praças, parques e seus respectivos elementos presentes. Além disso, permitem que haja possibilidades de expressões, manifestações de ideais e discursos, onde o convívio social deve ser respeitado, independente das diferenças. E é nessa direção que a praça, enquanto espaço público, deve ser considerada.

As praças públicas estão presentes em cidades grandes, médias, pequenas e em centros rurais, e proporcionam caracterização e representatividade nesses lugares. Elas sofreram modificações ao longo do tempo, eram muito utilizadas pela população, principalmente as mais centrais, como locais de manifestação da expressão popular, cultural e política, socialização, concentração de atividades comerciais, localizadas próximas a órgãos estatais, sendo essas mais preservadas pelo poder público.

Ao longo da história, as praças tiveram diversas funcionalidades e utilidades. No Período Colonial, eram consideradas primordiais para diversas manifestações populares, com intuito de demonstrar a cultura, costume, representatividade do poder e da coletividade, na qual certos aspectos urbanísticos e arquitetônicos e características históricas significavam um referencial na paisagem (CALDEIRA, 2007). Contudo, não se pode generalizar, pois, ainda que se saiba do seu papel como espaços de manifestação, socialização, é importante frisar que essas características não estavam tão presentes nelas durante esse período.

As praças coloniais também estavam relacionadas às demonstrações religiosas. Benedet (2008, p. 39) afirma que “a construção da praça era determinada pela Igreja, visto que, na época, esta era tida como uma extensão da capela”. Também tinha como finalidade o uso das atividades sacras, o que contribuiu para seu surgimento nesse período. Isso reflete que algumas praças mais antigas estão associadas à presença da Igreja e foram nomeadas e reconhecidas pelo nome do santuário.

As praças na Antiguidade Clássica eram vistas como espaços coletivos, abertos, e que proporcionavam à parte da população interação social. Além disso, algo que se transforma e ao mesmo tempo se adequa a diversas funções. Elas significam:

[...] uma espécie de espaço camaleônico, capaz de se modificar e se adaptar às transformações das cidades, possibilitando apropriações diversas. Essa peculiaridade fez com que a praça adquirisse, historicamente, uma diversidade de formas e funções, sem perder sua essência como espaço coletivo (CALDEIRA, 2007, p. 14).

Durante a Grécia Antiga, as praças eram geralmente rodeadas de edifícios importantes e tinham significado no cenário de poder, ou tidas como locais de espetáculos. É importante destacar que tais características não eram fixas em todas no período. Para Caldeira (2007, p. 17), a “Ágora constituiu a principal praça da civilização grega, representando o lugar de encontro dos cidadãos. Essa praça era formada por um pátio aberto, circundado por edifícios públicos e administrativos”. Ela correspondeu ao percussor do modelo atual, isso por ser aberta, próxima a estabelecimentos públicos e de uso contínuo, e assim tornou-se expressão do que seria uma praça. Para ratificar, Angelis *et al.* (2005, p. 4) ressalta que “centro dinâmico da cidade grega, a ágora é a antecessora remota de nossas praças”.

No Período Medieval, as praças eram espaços de socialização, sendo utilizadas para realização de festas, procissões, apresentações teatrais e manifestação do poder (CALDEIRA, 2007). Para avançar nessa ideia, Angelis *et al.* (2005, p. 6) aborda que a praça “[...] assume um papel preponderante como local de espetáculo. Espaço social por excelência, lugar de mercado, ponto de encontro político, mas também espaço destinado a espetacularização do cotidiano, das relações sociais - o privado é público”. Os dois autores demonstraram a mesma perspectiva de análise a respeito das praças medievais como “palcos” de contemplação, de múltiplas relações sociais e de interação entre indivíduos. Nesse período, apesar das diversidades de funções e finalidades, as praças tinham como objetivo ser um espaço coletivo, utilizado pelo “povo”, ao menos, a parte que dela poderia usufruir.

Robba e Macedo (2002, p. 18) ressaltam que “[...] a praça é um elemento urbano”, faz parte da configuração da cidade e contribui nas relações sociais, formas e funcionalidades existentes nas urbes, por isso, merece ser valorizada. Porém, é importante destacar que as praças não são somente elementos da cidade ou só existem em áreas urbanas. Elas podem estar presentes em sedes distritos ou povoados, possuir as mesmas funcionalidades e trazer uma configuração diferente, seja com elementos semelhantes à praça urbana ou apresentar característica mais elementares quanto à infraestrutura e ao seu uso.

Sobre a concepção de praça, Sun (2008, p. 275-276) afirma que “[...] é o espaço público da prática da vida pública. Tem papel predominante no desenho e na vida das cidades [...], foco de convergência de edifícios públicos e ruas, de fluxos de pessoas e atividades sociais”. Elas correspondem a uma parte importante do desenho urbano ou rural, são espaços de relações sociais, integração de pessoas que, juntas, fazem uso da área.

Nas praças públicas são percebidas características da história de uma cidade, com a presença de elementos arquitetônicos, como bustos e coretos

antigos. Robba e Macedo (2002, p. 17) as compreendem como “[...] espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”. Essas características não são visíveis em algumas praças públicas e se observa a utilização como estacionamento ou a presença de grades de ferro, o que faz com que haja apropriação privada, abandono e falta de manutenção, e também reduz o uso. Tal afirmação remete ao significado do que as praças públicas deveriam ter; todavia, é importante frisar que elas também correspondem à realidade capitalista e, portanto, refletem suas desigualdades.

Desde seu surgimento, ao se constituir como os primeiros espaços públicos, as praças têm como finalidade promover o convívio entre as pessoas, integração e socialização. Zimmerman (2015, p. 13) ressalta que “uma praça pode contar a história de uma cidade, um povo”, traz significados e representatividades onde está inserida, independentemente que seja uma área urbana ou rural.

Portanto, as praças deveriam ser construídas com a participação popular e para o povo, para recreação e uso. Elas deveriam ser planejadas e estruturadas para atender a população, afinal, são elos entre vários espaços, o que as tornam referencial local; são espaços da multiplicidade de atividades. A importância das praças públicas não está apenas em embelezar, mas, sim, como espaços de recreação e convívio social.

## **2 FEIRA DE SANTANA: SUA HISTÓRIA E SUAS PRAÇAS**

O surgimento de Feira de Santana ocorreu no século XVIII e se fundamenta a partir da chegada do casal pioneiro, Domingo Barbosa de Araújo e sua esposa Ana Brandão, ambos proprietários de uma fazenda, que originou uma capela denominada Nossa Senhora Sant’Ana. A Fazenda Olhos d’Água era ponto de encontro dos vaqueiros, viajantes da época que se dirigiam para Salvador e outras regiões do Recôncavo Baiano para comercialização do gado, que estava localizada entre duas estradas. A feira do gado foi um marco para o futuro processo de urbanização, ganhou importância e visibilidade, contribuiu para a nova configuração urbana com o surgimento de ruas, avenidas, estradas, residências e, posteriormente, tornou-se uma das mais importantes do estado da Bahia (CARMO, 2009).

O povoado, que antes era desconhecido, adquiriu novas formas urbanas, como o surgimento das primeiras ruas e praças, diante do aumento da circulação de pessoas. Sobre as ruas e praças, Santana (2014, p. 24) informa que “[...] eram tortuosas e havia apenas duas praças: a da Matriz e [a] do Comércio era

desprovida de infraestrutura básica [...]”. As praças, assim como as ruas, surgiram para atender as necessidades das pessoas, espaços para comercialização, locais do comércio de rua. Porém, também tinham como objetivo oferecer convivência e demarcar o poder local. Nesse caso, as primeiras praças que surgiram estavam localizadas na área central, próximas à área onde se desenvolveu a cidade.

Dentre essas, destaca-se a Praça Monsenhor Renato Galvão, conhecida como Praça da Igreja Matriz, que foi criada em 1846. Ela traz no seu histórico os reflexos da formação da cidade e é reconhecida pelo seu simbolismo religioso. Foi fruto de doação, pois havia uma pequena capela e, com o aumento dos fiéis, houve a necessidade de construir um espaço maior. A Igreja foi o fator predominante para seu surgimento. Em 1916, apresentava pouca arborização e era um local também residencial. O coreto arquitetônico (Foto 1) já existia, era utilizado como espaço de movimentação política ou eventos em geral, sendo um equipamento público característico (FEIRA DE SANTANA, 2020). A praça supracitada tinha proximidade com a antiga ferrovia, assim tornou-se um espaço movimentado, decorrente da presença de inúmeras pessoas a espera da chegada do trem.

Igualmente a Presidente Médici que, em 1960, não tinha característica de uma praça, pois na localidade situava-se a estação ferroviária (Foto 2). Após a desativação da ferrovia é que começou a ser delineada a praça, que contribuiu na circulação das pessoas, sendo uma opção de lazer (TELES, 2017).

Foto 1 – Igreja da Matriz, com a praça e o coreto, Feira de Santana, s/d



Fonte: Feira de Santana (2020).

Foto 2 – Estação Ferroviária onde já foi a Praça Presidente Médici, Feira de Santana, s/d



Fonte: Feira de Santana (2020).

Voltada para o funcionamento da feira livre, a antiga Praça do Comércio (Foto 3), atualmente Praça da Bandeira, foi o espaço de comercialização de gêneros alimentícios provenientes, não somente de Feira de Santana, mas de outras regiões. O Abrigo da Praça foi a primeira rodoviária da cidade, que fazia linha para Salvador e, ao final da feira, tornava-se estacionamento para os veículos e animais (FEIRA DE SANTANA, 2020).

Foto 3 – Praça do Comércio, estacionamento de animais e marinetes, Feira de Santana, s/d



Fonte: Feira de Santana (2020).

As praças localizadas no centro e seus arredores trazem na infraestrutura aspectos do passado, são muitas arborizadas, estão inseridas em áreas próximas a espaços com alto fluxo de pessoas e veículos, decorrentes dos empreendimentos comerciais. Geralmente são bastante frequentadas, porém não para a realização de atividade específicas de lazer.

As praças mencionadas anteriormente passaram por transformações. A Monsenhor Renato Galvão ganhou no seu entorno um novo desenho urbano, com a influência do processo de urbanização, presença de ambulantes, e a proximidade com av. Presidente Dutra, que ocasionou maior fluidez de veículos no local. A Praça Presidente Médici transformou-se no “camelódromo” Feiraguay, local de comercialização de produtos, inclusive importados, cujas pessoas são atraídas por sua variedade. A Praça da Bandeira tornou-se espaço de passagem, além de ser local de atividades coletivas, com as rodas de capoeira aos finais de semana, e o Abrigo é utilizado para a comercialização de alimentos.

Diversos fatores contribuíram para esse processo. Em 1876, a influência do sistema de transporte ferroviário, inicialmente entre Feira de Santana e Cachoeira, colaborou para o escoamento da produção; a construção de estradas, ainda sem pavimentação, dificultava o deslocamento, porém era o único caminho na condução do gado. No século XIX, a primeira estrada baiana foi denominada como “caminhos de gado”. Se na década de 1930 as feiras (livre e do gado) contribuíram para que a cidade se fortalecesse como entreposto comercial, em 1940, a implantação do sistema rodoviário contribuiu na ampliação da cidade e do fluxo de pessoas e mercadorias (CERQUEIRA, 2015).

Os papéis das rodovias se ampliaram na década de 1950, que, anteriormente, tinham condições precárias, pois ainda estavam no início da construção. Com a ação do governo federal, a conclusão das BR-324, BR-101 e BR-116 possibilitou a ligação de Feira de Santana com outras cidades, o que colaborou para o crescimento urbano.

Com a expansão de Feira de Santana e face à aglomeração de pessoas nas áreas centrais, outras praças públicas surgiram, tais como a da Matriz, a antiga Praça do Comércio, a Fróes da Mota, a da Igreja do Remédio e a Padre Ovídio, e continuavam com o propósito de atender a dinâmica da cidade para realização das feiras livres, que além da comercialização de produtos de diversos gêneros eram ambientes culturais, pois nelas encontram-se conhecimentos populares, pessoas de diferentes hábitos e costumes, assim como eventos ou/e simbolismos religiosos.

A industrialização em Feira de Santana foi outro fator importante para a expansão da cidade. As discussões começaram na década de 1960 e tiveram concretização com a implantação do Centro Industrial Subaé (CIS) em 1970.

A presença da indústria permitiu novas dinâmicas territoriais e econômicas, e o “desenvolvimento local”, pois as fábricas tinham mais rápido escoamento da produção e articulação com outras cidades.

Nesse contexto, décadas de 1950 a 1980, surgiram praças como: 1) Coronel Tertuliano Almeida, que, como era o local de residência do Dr. Elias Kalile, posteriormente foi renomeada como Kalilândia, e era conhecida pelas palmeiras imperiais (ALMEIDA, 2002). Localizada no centro, é um espaço público bastante conhecido pela população feirense, uma área onde predominam, hoje, empreendimentos comerciais. Passou por várias transformações, a última foi em 2016, quando foram inseridos novos equipamentos públicos, tais como mesas para jogos de tabuleiro, academia ao ar livre, melhorias nos bancos e jardim; 2) Dom Pedro II, conhecida como Praça do Nordeste, no passado funcionava como antigo campo do gado e tornou-se um espaço comercial, com a presença de barraca e ponto de parada do transporte coletivo; e a 3) Praça Ernestina Carneiro ou Dona Pomba, nome recebido em homenagem a herdeira de uma fazenda. Ela doou lotes de terra para pessoas pobres que a procuravam e no local construíram suas casas, o que contribuiu para formação do bairro Rua Nova (FEIRA DE SANTANA, 2020). Em seu entorno, encontram-se residências, bancos, telefone público, pouca arborização e o busto de Dona Pomba.

Feira de Santana passou e ainda passa por várias transformações no espaço urbano. Dentre essas mudanças está a inserção dos condomínios fechados, sobretudo em áreas que se tornaram novos vetores de crescimento a partir da década de 1990. Entre 2009 a 2014, o setor imobiliário investiu na construção de vários condomínios fechados nas áreas consideradas periféricas, isso porque o interior do Anel de Contorno estava bastante adensado (ARAÚJO, 2015). Em 2009, o Programa Minha Casa Minha Vida foi criado pelo governo federal, em parceria com a Caixa Econômica Federal, com o intuito de tornar acessível a moradia própria para a população. E esses processos também alteraram a configuração das praças na cidade.

Com relação às praças que foram construídas próximas a esses empreendimentos, não há muitas. No bairro Conceição, há uma praça próximo ao Condomínio Ville (Foto 4). O espaço em 2011 tinha um parque infantil, alguns bancos, ponto de parada do transporte coletivo e moto-táxi, e não possuía arborização nem jardins. Atualmente, não existem mais os equipamentos infantis, pois foram danificados, está mais arborizada, possui uma barraca que comercializa alimento e permanece o ponto de ônibus e de moto táxi. Ao entorno, além do condomínio, possui residências, supermercado, revendedora de botijão de gás e fábrica de costura de roupa.

Foto 4 – Praça no bairro Conceição, próxima ao Condomínio Ville do Programa Minha Casa Minha Vida, Feira de Santana, 2020

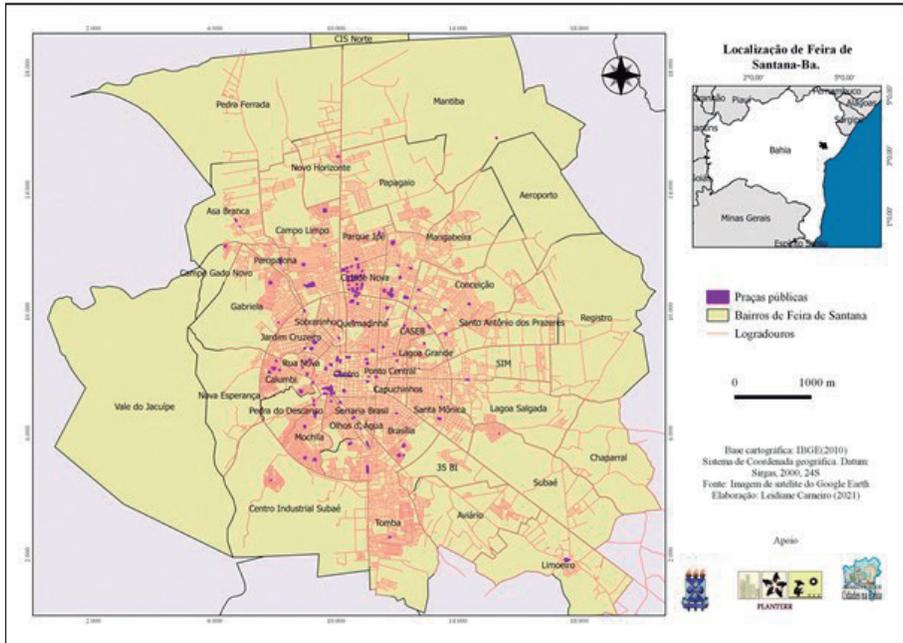


Foto: Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, set. 2020.

Ao observar as praças públicas de Feira de Santana e suas configurações atuais, é notório que, com relação à presença das opções de equipamentos, os espaços são similares. Algumas praças não oferecem adequada infraestrutura para o uso de aparelhos diversos, como parque infantil, área para ciclista, academia ao ar livre. Geralmente, possuem apenas bancos e jardins. A inclusão desses elementos não visa somente à diversão, mas a prática de atividade física e a melhoria da saúde. A acessibilidade é outro fator preocupante, afinal várias praças da cidade não são idealizadas para atender pessoas com qualquer tipo de limitação física ou de idade, o que dificulta o uso e a mobilidade. Assim, é importante frisar que tudo isso precisa ser pensado quando da construção de uma praça pública.

Com relação às características das praças do Centro, percebe-se no seu entorno a presença de empreendimentos comerciais, que, em algumas, contribuíram para redefinir o uso e apropriação, a dinâmica local, o tráfego de pessoas e veículos, cuja circulação no entorno é intensa. Em Feira de Santana, os bairros que possuem a maior quantidade de praças são Cidade Nova, Mangabeira e Campo Limpo (ver Mapa 1).

Mapa 1 – Especialização das praças públicas na cidade de Feira de Santana, 2021



Conforme o Mapa 1, foram identificadas 140 praças que estão distribuídas em diferentes bairros<sup>2</sup>. A maioria está concentrada no interior do Anel de Contorno, mais especificamente no bairro Centro, reflexo da formação da cidade. Os bairros considerados de classes média e alta, como SIM, Capuchinhos, e os que estão em expansão, como o Papagaio, devido à especulação imobiliária e à presença de condomínios residenciais e dos loteamentos, não apresentaram nenhuma praça pública reconhecida, isso no lado de fora, mas sim dentro dos condomínios para o uso individualizado e seletivo dos moradores. Bairros populares mais antigos, como, por exemplo, Cidade Nova, apresentaram alto número de praças. Ele congrega os primeiros conjuntos habitacionais da cidade e teve crescimento significativo ao longo do tempo, o que pode ter refletido nessa quantidade atual.

Em outros bairros periféricos e com contingente populacional elevado, a quantidade é menor, o que impossibilita que os moradores tenham espaços de lazer. Dentre esses, pode-se destacar a Macário Barreto, conhecida como Praça

<sup>2</sup> A Secretaria Municipal de Serviços Públicos de Feira de Santana, Departamento de Manutenção de Áreas Verdes, reconhece a existência de 265 no município, das quais 215 estão na sede. Todavia, não há clareza acerca da localização ou identificação de todas as praças na cidade por parte do setor.

do Tomba, um espaço que passou por transformações em relação à apropriação e, atualmente, é utilizado para realização da tradicional feira livre, que favorece a circulação de pessoas, intensifica a compra e venda de mercadoria e a economia local. O que deveria ser apenas um espaço de discussão, recreação, manifestações artísticas e culturais, desempenha também o papel terciário, o que descaracterizou parte da antiga praça, mas ganhou novas funções importantes.

No bairro Cidade Nova, encontram-se algumas praças com áreas verdes e, aparentemente, com infraestrutura regular, como, por exemplo, a Praça Ilhéus, bastante arborizada, que possui bancos, lixeiras e uma área para caminhada. No Conjunto Antônio Carlos Magalhães, que pertence ao bairro Mangabeira, a Praça ACM é arborizada e, no seu entorno, há residências, parque infantil e rampa de acesso para deficientes físicos. No Conjunto Feira V, há uma praça que tem como referência a Igreja Católica São Francisco de Assis e possui vários elementos que permitem à comunidade a sua utilização, tais como, parque infantil, quiosques construídos de materiais rústicos, área livre rodeada de árvores, entre outros.

As praças públicas são consideradas como espaços de convivência, encontro entre os indivíduos, as quais têm como propósito garantir às pessoas o tempo do ócio. Em Feira de Santana, as praças são reconhecidas pelos elementos que fazem parte delas, o que pode ser uma igreja, um coreto, uma estátua, um busto; pela utilização, como, por exemplo, a Praça Bernardino Bahia, que era um espaço onde os feirenses tiravam fotografias e hoje tem a mediação da feira livre; e pela localização onde estão inseridas.

### **3 PRAÇAS PÚBLICAS EM FEIRA DE SANTANA: USOS E RESISTÊNCIAS**

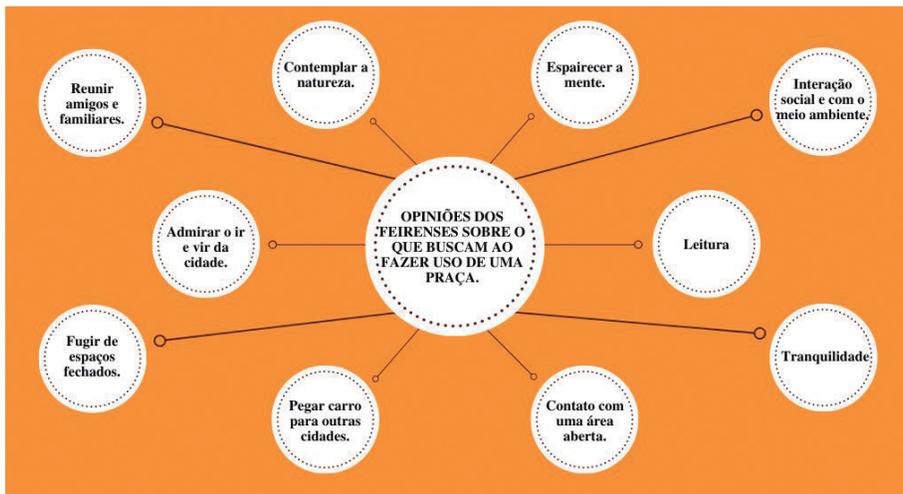
Ao observar as praças públicas de Feira de Santana e as suas configurações atuais, é notório que, com relação à presença das opções de equipamentos, os espaços são similares. Algumas praças analisadas não oferecem adequada infraestrutura para o uso de aparelhos diversos, como parque infantil, área para ciclista, academia ao ar livre. Geralmente, possuem apenas bancos e jardim. Nessa direção, a realidade das praças de Feira de Santana demonstra que tais espaços, quando passam por reformas, essas visaram, sobretudo, o embelezamento.

Para os feirenses, as praças proporcionam momentos de socialização, de vital importância no convívio social. Espaços de aproveitamento para a realização de atividades de recreação, além disso, promovem vivências que são constituídas a partir do contato com o outro, afetividade e acesso ao espaço público para a prática do cotidiano. Isso é atrelado, por um lado, a atender as famílias. Para

ratificar sobre isso, relatam que utilizam as praças para brincar de bicicleta e praticar corrida com os netos, sentar nos bancos sozinhos para observar a movimentação da rua, conversar com amigos, passear com cachorros, realizar atividades agradáveis, que permitem exercitar a mente e o corpo, como a prática de jogos de dominó, baralho e caminhada<sup>3</sup>.

No Fluxograma 1, são demonstradas as principais opiniões dos feirenses acerca do que buscam ao utilizar as praças da cidade. Houve uma pluralidade de pontos de vista, nos quais se observou que procuram um espaço interativo, voltado para o uso familiar e de amigos, que permita realizar atividades de recreação, como, prática esportiva, brincar com as crianças no parquinho, na quadra de esporte, limpeza, embora nem sempre ofereçam sensação de tranquilidade e relaxamento, e também revelem conflitos.

Fluxograma 1 – Opiniões dos feirenses sobre o que buscam ao fazer uso das praças, Feira de Santana, 2021



Elaborado por Leidiane Carneiro a partir de dados coletados por Leidiane Carneiro, 2021.

As praças são importantes para a realização da recreação, a qual se pode associar a concepção de Lefebvre (2006), que defende a ideia de que o indivíduo deveria ter o acesso à vida pública e cujo espaço vivido está relacionado aos momentos de vivência dos usuários e habitantes, com intuito de promover a produção e reprodução socioespacial. Um entrevistado ressalta que “É particularmente um lazer para as famílias e a distração dos mais novos, dos meninos brincarem em se divertir, a família se reunir também para conversar e

<sup>3</sup> Informações advindas de uma enquete e das entrevistas aplicadas em 2021.

dialogar” (informação verbal)<sup>4</sup>. Todavia, é relevante destacar que a finalidade do uso pode ser distinta, porém o acesso deveria ser de todos, independentemente da faixa etária.

Com relação à frequência, para cada tipo de uso a assiduidade varia. O mototaxista relatou que: “utilizo de segunda a sábado para realização do meu trabalho” (informação verbal)<sup>5</sup>; o taxista afirmou que: “De segunda-feira a domingo, porque são todos os dias que eu trabalho” (informação verbal)<sup>6</sup>; alguns residentes fazem uso com os netos mais aos finais de semanas, pois são dias que não estão na escola. Isso demonstra que muitas praças são utilizadas durante toda a semana, independente da forma de uso. Durante a observação de campo registrou-se moradores sentados nos bancos, aproveitando o final da tarde em várias praças estudadas.

As praças também foram consideradas pontos de comércio, o que gera renda para os moradores e, conseqüentemente, contribui na movimentação no bairro, com a atração de residentes de logradouros circunvizinhos. Esse cenário demonstra a luta diária pela sobrevivência, principalmente nas praças localizadas próximo ao centro, nas quais é notória a concentração de vendedores informais ou formais que comercializam suas mercadorias. Os indivíduos que vivenciam o cotidiano das praças observam a dinâmica e o modo de uso pela população.

As feiras (livre e de gado) marcaram a construção urbana de Feira de Santana e as praças foram e ainda continuam sendo utilizadas para comercialização de produtos agrícolas e foi através delas que as relações sociais desses diferentes sujeitos aconteciam. Hoje, ainda se tem tal representatividade e presença desses ambulantes em algumas praças e ruas da cidade, como ao lado da Praça Bernandinho Bahia e na Rua Marechal Deodoro da Fonseca, na qual se observa resistência. Então, pode-se afirmar tais praças como pontos de comércio/serviços desde os dois séculos passados e que contribuem para o fortalecimento da cidade como entreposto comercial.

Outra opinião mencionada foi sobre a peculiaridade das praças como pontos de referência para moradores, empreendedores comerciais do entorno e empresas de entrega de correspondências, o que contribui na facilitação da localização e identificação de endereços. As praças são construídas em posição estratégica nos bairros, estão presentes em logradouros centrais, de passagem intensa de pessoas, com a proximidade de prédios institucionais administrativos, educacionais e igrejas.

<sup>4</sup> Informação fornecida por PPC6, morador feirense que reside próximo de uma praça pública em Feira de Santana, em fev. 2021.

<sup>5</sup> Informação fornecida por PC4, em fev. 2021.

<sup>6</sup> Informação fornecida por PC4, em fev. 2021.

As praças têm inúmeras funções, desde a representatividade, palco de expressão cultural, político, recreação e convivência, o que as tornam espaços “vivos”, movimentados e resistentes ao longo do tempo. Os usos delas proporcionam vivência e identificação pelas pessoas, isso decorrente das atividades nelas exercidas. Todavia, é importante retratar os aspectos desfavoráveis desses espaços pelos feirenses a partir do sentimento de medo coletivo com a falta de insegurança, assalto e violência.

Alguns bairros populares são estigmatizados pelos índices de criminalidade e tráfico de drogas, e isso reflete no uso da praça, como aparece na fala da entrevistada: “O que impede é a segurança, as pessoas usando muitas drogas, aí não vale apenas está próximo, principalmente quando faz festa como, a lavagem da Queimadinha e o forró do promovido pelo vereador do bairro” (informação verbal)<sup>7</sup>. Nas praças encontram-se indivíduos com condutas, ações, interesses e relação de uso diferentes. Com isso, os conflitos e as disputas existem. Como ressalta Bauman (2009), os espaços públicos são provenientes de atração e rejeição, ou seja, ao mesmo tempo em que promovem socialização entre pessoas, trazem sensação de medo, que seria repulsão.

Os entrevistados relataram episódios de moradores que foram assaltados, como, por exemplo, na Praça da Santa Mônica, localizada em um bairro de classe média-alta, ao afirmar que “os assaltantes chegaram exigir a vítima retirar a roupa em busca do aparelho celular” (informação verbal)<sup>8</sup>; em outra situação, um “vizinho ao aguardar o transporte de trabalho e acabou sendo surpreendido pelo ato de violência” (informação verbal)<sup>9</sup>; outra circunstância relatada foi que “os assaltantes ficam esperando as pessoas chegarem na praça para poder assaltar” (informação verbal)<sup>10</sup>. Porém, e é relevante frisar que as pessoas estão sujeitas a esses atos, em qualquer espaço seja ele público ou privado, e que não se restringem apenas nas praças públicas.

Contudo, as praças resistem, apesar do sentimento do medo, da insegurança de fazer uso por parte da população, mesmo que em determinados espaços essas inquietações tenham sua veracidade, pelo abandono, pouca movimentação e da recorrência de assaltos, fatores que inibem o uso. Elas resistem pelo fato de manter parte das manifestações culturais, religiosas, culturais e artísticas, e pela memória, e se tornaram espaços de luta, manifestação da liberdade de expressão, protesto, ou seja, retrato da vivência cotidiana. Essa ideia está retratada, sobretudo, nas praças mais antigas, com a presença dos coretos, que são equipamentos

<sup>7</sup> Informação fornecida por PC4, em fev. 2021.

<sup>8</sup> Informação fornecida por PSM5, em fev. 2021.

<sup>9</sup> Informação fornecida por PSM5, em fev. 2021.

<sup>10</sup> Informação fornecida por PSM5, em fev. 2021.

representativos que foram utilizados para realização de apresentações políticas e culturais. As manifestações públicas são ações coletivas e houve vários atos públicos em praças de Feira de Santana, o que intensifica ainda mais o seu papel como “palco” de reivindicações.

Outro fator de resistência são os rituais religiosos, seja porque muitas praças estão próximas das igrejas e refletem que o espaço tem poder político e é destinado a cerimônias religiosas; seja pela expressão de religiões africanas. As praças permitem que haja múltiplas manifestações, celebrações, sejam elas políticas, religiosas, de rua, com a presença de diversos sujeitos. É notório refletir que elas não resistem sozinhas e sim através da participação da comunidade, com as suas lutas, conflitos e ações em busca por melhorias para que se tenha um espaço adequado para o uso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As praças públicas passaram por transformações, no passado, tinham simbolismos, representatividades e estavam situadas no centro da cidade; ao seu entorno, a presença de empreendimentos importantes, como prefeituras, igrejas; e parte dos indivíduos fazia uso do local como espaços de socialização. Atualmente, as praças ganharam novas configurações com o intuito de atender a dinâmica local, resultantes do processo de urbanização. Elas consistem em espaços públicos contidos nas cidades e nas áreas rurais, que são utilizados e apropriados por sujeitos distintos para várias funcionalidades, as quais proporcionam relações que são constituídas através do uso, com as práticas cotidianas.

As praças têm como finalidade promover o convívio social entre os indivíduos que estão presentes tanto em cidades grandes, médias e pequenas. O que se observa em várias cidades brasileiras é que, quase sempre, elas são constituídas apenas por jardins, espaços verdes e bancos; não se pensa em construir praças mais atrativas e que agreguem a todos; uma praça planejada que permita que as pessoas façam uso em todos os momentos da vida.

Em Feira de Santana, as praças públicas, principalmente as centrais, fazem parte da história da cidade. Através da sua configuração estrutural e dos elementos contidos trazem aspectos religiosos, simbólicos e culturais do passado. As praças surgiram para atender as necessidades de certos grupos, em busca de ter um espaço que, *a priori*, fosse utilizado para comercialização e convivência, o que favoreceu a circulação de pessoas, que as tinham como espaços de recreação. Contudo, com a expansão urbana, elas ganharam novos papéis: umas se transformaram complementarmente, ao perder a forma de uma

praça para atender a outras funções; outras foram abandonadas, no sentido de não ter adequada manutenção; e também novas praças foram construídas e se integraram à dinâmica da cidade.

As praças de Feira de Santana estão localizadas em logradouros principais dos bairros, o que resulta em pontos de referência. Seu estudo ajuda a compreender como esses espaços são importantes para promover a socialização e que são utilizadas e apropriadas a depender das condições oferecidas e que a participação da comunidade é relevante, afinal é a vivência que a torna espaço social, de produção e reprodução da vida, através das atividades exercidas.

As praças existem a partir do momento que elas são utilizadas para a realização de atividades que possibilitem aos moradores socializar e interagir com outros indivíduos e que ofereçam equipamentos conservados e que favoreçam aos usos. Além disso, elas resistem contra o surgimento de outros espaços de uso coletivo. Essas formas de resistência estão pautadas na existência dessas praças face acontecimentos que nelas ocorrem: manifestações culturais e lutas; labor dos trabalhadores informais, que geralmente são os próprios residentes, que utilizam o espaço para o exercício do trabalho. É importante ressaltar que tais ações promovem dinamismo e que as praças são vistas, ao mesmo tempo, como espaço de atração e repulsão, encontro e conflitos, devido a sua pluralidade de usos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, O. D. **Dicionário Personativo, Histórico, Geográfico e Institucional da Feira de Santana**. Feira de Santa: Aliança, 2002.
- ANGELIS, B. L. D. *et al.* **Praças: história, usos e funções**. Maringá: Editora da Universidade de Maringá – Fundamentum, 2005.
- ARAÚJO, A. M. R. **O crescimento de Feira de Santana e o papel do Parque da Cidade nas transformações dos bairros do seu entorno**. 2015. 255f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2015.
- AZEVEDO, R. J. G. **O espaço público em cidades médias: análise da dinâmica socioespacial de praças e parques de Limeira-SP**. 2013. 279f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.
- BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

- BENEDET, M. S. **Apropriação de praças públicas centrais em cidades de pequeno porte**. 2008. 166f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- CALDEIRA, J. M. **A praça brasileira: trajetória de espaço urbano origem e modernidade**. 2007. 432f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- CARMO, R. B. A. **A urbanização e os assentamentos subnormais de Feira de Santana**. 2009. 360f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CERQUEIRA, E. A. **A influência do sistema rodoviário no processo de urbanização de Feira de Santana-Bahia**. 2015. 306f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional e Urbano) – Programa de Pós-Graduação em Doutorado em Desenvolvimento Regional e Urbano, Universidade Salvador, Salvador, 2015.
- FEIRA DE SANTANA. Memorial de Feira de Santana. **Memorial da Feira**, Feira de Santana, 2020. Disponível em: <http://www.memorialdafeira.ba.gov.br/conteudo.asp?catimg=1>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras**. 2. ed. São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- SANTANA, J. C. D. **“Todos os caminhos levam a Feira de Santana”**: uma viagem sociolinguística para o estudo dos pronomes-objeto no português urbano falado. 2014. 211f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.
- SUN, A. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: SENAC, 2008.
- TELES, A. O. **O comércio informal em Feira de Santana (BA): permanências e mudanças**. 2017. 247f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.
- ZIMMERMANN, C. **A praça: um espaço de lazer**. 2015. 53f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande, 2015.

Texto submetido à Revista em 06.09.2021

Aceito para publicação em 02.08.2022

